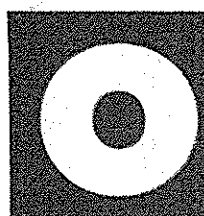


190

Índio também quer ser eleito

■ Onze candidatos tentam trocar as tribos pela vida pública

■ David enfrenta os golias do DF na disputa pelo Buriti



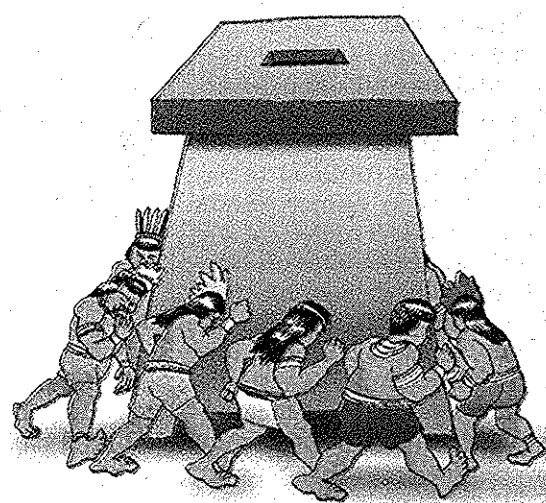
velho cacique Juruna está velho e doente. Cansado de guerra, aposentou o gravador que constrangia os brancos poderosos, mas deixou um exemplo que a comunidade indígena está seguindo. Eleição virou programa de índio. Nas eleições de 4 de outubro, 11 índios estarão disputando vagas nas assembleias legislativas, Câmara dos Deputados, e até no Executivo, numa campanha que se trava quase integralmente dentro da floresta, já que a maioria é da Amazônia.

Cinco dos 11 candidatos indígenas optaram pelos partidos de esquerda - PT e PCdoB - e os demais estão no PPB, PDT, PSDC e PTB. O único candidato a governador é David Oliveira, que disputa a eleição no Distrito Federal pelo Partido Social Democrata Cristão (PSDC). Da nação terena, Oliveira é considerado um "índio da cidade", pois mora Brasília.

Ex-deputado federal - um dos mais votados no Rio de Janeiro quando Leonel Brizola se elegeu pela primeira vez ao governo do estado depois do exílio imposto pelos militares - Juruna hoje mora em uma cidade-satélite de Brasília, longe dos xavantes, sua tribo.

Doente, o velho cacique ainda alimenta um sonho: o de ser presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), da qual é assessor. Além dele, outro índio - Marcos Terena - tentou a carreira política ao candidatar-se a deputado federal em Brasília há quatro anos, mas foi derrotado.

Dos atuais índios-candidatos, dois



não moram na Amazônia e estão no Paraná e Mato Grosso do Sul. O catariense Ludovico Monconã, do grupo caingangue, disputa uma vaga de deputado federal pelo PSDB paranaense, enquanto Joel de Oliveira tenta se eleger deputado estadual pelo PTB em

Campo Grande. Em comum, os dois têm um problema: falta de dinheiro para fazer campanha. Monconã chegou a pedir ao presidente da Funai, Sullivan Silvestre de Oliveira, um carro para poder chegar aos eleitores.

Dois outros candidatos, embora sejam da mesma tribo, terão problemas para angariar votos. José Adalberto

Silva e Nélino Galé pertencem ao grupo Macuxi, de Roraima, e são mais conhecidos no exterior que no Brasil. Os dois chegaram a viajar à Europa para engrossar um protesto contra a política indígena do governo, em Londres. Silva e Galé disputam pelo PT, partido de Antenor Karitiana, de Rondônia, que também tem outro candidato, o índio suruí Almir Suruí, pelo PTB.

Pele-vermelha

Pelo menos na política nossos índios não se mostram totalmente aculturados. Ao contrário, politicamente eles estão divididos. Pela esquerda, entram na disputa por uma vaga na assembleia legislativa de seus estados Pedro Mendes Gabriel, do Amazonas, e Antônio Ferreira da Silva, do Acre. Silva mora nas proximidades do município de Jordão, onde só se chega de avião. A região, porém, concentra grande parte dos votos obtidos pelos dois vereadores e um deputado estadual do Acre, pertencentes ao PCdoB.

No Amazonas, o índio tucano Ál-

varo disputa uma cadeira na Câmara dos Deputados pelo PDT. Considerado uma das maiores lideranças do Alto Rio Negro, Álvaro pretende uma parceria com os ribeirinhos, de quem espera os votos para sua eleição. Em Tocantins, Idjarruri Karajá candidatou-se pelo PPB, partido do governador do estado, Siqueira Campos.

"Nas eleições do passado os índios têm ajudado a eleger inúmeros deputados estaduais e federais que nada fizeram para defender os reais direitos e interesses deles", diz o Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Capoib), em uma carta aberta dirigida aos 302 mil índios brasileiros.

"Precisamos e podemos mudar essa situação, precisamos acreditar na nossa força e na capacidade de nossas lideranças pelo Brasil afora", acrescenta a nota. "Por isso precisamos de parlamentares que sejam índios e que, portanto, conheçam nossa realidade", ressalta o apelo do Capoib.